

J. R. Ward

NA SOMBRA DO DRAGÃO

Um romance da Irmandade da Adaga Negra

Volume II

Tradução

Maria Margarida Malcato

Capítulo 1



— **B**olas, V, estás a dar *cabo* de mim.
Butch O’Neal rebuscou a gaveta das meias, procurando as de seda preta e encontrando as de algodão branco. Não, espera. Tirou uma meia. Não foi exactamente um triunfo.

— Se estivesse a dar cabo de ti, chui, as meias seriam a última coisa em que pensarias.

Butch olhou fixamente para o seu companheiro de quarto. Para o seu amigo fã dos Red Sox. O seu... bem um dos seus dois melhores amigos. Ambos, como tinha acabado por descobrir, eram vampiros. Após o duche frio, Vishous tinha apenas uma toalha à volta da cintura e exibia a musculatura dos braços fortes e do peito. Estava a calçar uma luva preta de couro que tapava uma tatuagem na mão esquerda.

— Tens mesmo de calçar as minhas meias pretas?

V sorriu, mostrando as presas no meio da barbicha.

— Sinto-me bem com elas.

— Porque não pedes ao Fritz para te comprar algumas?

— Porque ele está muito ocupado a alimentar o teu vício por roupas, meu.

Na verdade, até podia ser que Butch tivesse recentemente libertado o *Versace* que havia nele, mas seria assim tão difícil comprar mais pares de meias de seda?

— Vou pedir-lhe por ti.

— És mesmo um cavalheiro...

V afastou o cabelo preto para trás. As tatuagens na sua têmpora esquerda apareceram e voltaram a desaparecer.

– Precisas do *Escalade*¹ esta noite?

– Sim, obrigado.

Butch enfiou os pés descalços nuns *mocassins Gucci*.

– Vais ter com a Marissa?

Butch assentiu com a cabeça.

– Preciso de saber. De uma maneira ou de outra.

E tinha o pressentimento de que seria da *outra* maneira.

– É uma boa fêmea.

Era bem verdade, razão pela qual provavelmente não respondia aos seus telefonemas. Ex-polícias amantes de uísque não eram exactamente o que as mulheres procuravam, humanas ou vampiras. E o facto de ele não fazer o género dela também não ajudava.

– Bem, chui, o Rhage e eu estaremos no One Eye. Vem ter connosco depois...

Uma pancada forte, como se alguém estivesse a bater na porta energicamente, fê-los virar a cabeça. V puxou a toalha para cima.

– Bolas, o aviador vai ter de aprender a tocar à campainha.

– Tenta tu falar com ele. A mim não me ouve.

– O Rhage não ouve ninguém.

V atravessou o corredor a correr. À medida que as batidas ficavam mais escassas, Butch dirigiu-se à sua imensa colecção de gravatas. Escolheu uma *Brioni* azul-clara, baixou o colarinho e fez passar a seda pelo pescoço. Enquanto se encaminhava para a sala de estar, conseguiu ouvir Rhage e V a falarem por cima da música *RU still down?* de 2Pac.

Butch teve de rir. Bolas, a sua vida levava-o a muitos lugares, muitos deles horrendos, contudo, nunca pensara que viria a morar com seis guerreiros vampiros. Ou estar na linha da frente da luta deles para proteger a sua quase extinta e escondida espécie. Sem saber como, acabara a pertencer à Irmandade da Adaga Negra. E ele, Vishous e Rhage eram um trio fantástico.

¹ SUV americano pertencente à marca *Cadillac*. (N. da T.)

Rhage vivia na mansão do outro lado do pátio com o resto da Irmandade, mas o grupo encontrava-se junto à entrada. O Fosso, como era conhecido o sítio, era um hotel de cinco estrelas comparado com as espeluncas em que Butch vivera. Ele e V tinham dois quartos, duas casas de banho, uma cozinha e uma sala de estar decorada num estilo pós-moderno, acolhedor e a lembrar as residências estudantis: um par de sofás de pele, um ecrã plasma de alta definição, matraquilhos e sacos de ginástica espalhados por todo o lado.

Quando entrou na sala principal, Butch observou a indumentária de Rhage: uma gabardina de cabedal preta caía-lhe dos ombros até aos tornozelos e uma camisola de mangas cavas preta estava enfiada por dentro das calças de cabedal. Umas enormes botas aumentavam-no mais alguns centímetros. Resumindo, o vampiro estava impecável e lindo. Até para um comprovadíssimo heterossexual como Butch.

O filho da mãe desafiava as leis da física por ser tão atraente. O seu cabelo loiro tinha um corte curto na parte de trás e mais comprido à frente. Os olhos verde-azulados eram da cor do mar das Bahamas. Aquele rosto fazia com que o Brad Pitt parecesse um candidato ao programa *Doutor Preciso de Ajuda*. Mas não era um menino da mamã, apesar de ser encantador. Algo sombrio e letal pairava por detrás daquela aparência vistosa e isso percebia-se logo ao olhar para ele. Dava a impressão de ser um tipo que sorria enquanto resolvia o assunto à porrada.

– Que se passa, Hollywood? – perguntou Butch.

Rhage sorriu, revelando um par de esplêndidos caninos.

– Temos de ir, chui.

– Bolas, vampiro, não te bastou já a noite passada? Aquela ruiva parecia coisa séria. E a irmã também.

– Tu conheces-me. Estou sempre com fome.

Com efeito, felizmente para Rhage havia um interminável número de mulheres que ficavam mais do que felizes por poderem satisfazer as necessidades dele. E Deus sabia como ele as tinha. Não bebia. Não fumava. No entanto, andava no meio das mulheres como ninguém. E Butch não conhecia propriamente muitos meninos de coro.

Rhage olhou para V.

– Vai-te vestir, meu. A não ser que estejas a pensar ir para o One Eye de toalha...

- Não me stresses, pá.
- Então, mexe esse rabo.

Vishous levantou-se de onde estava sentado atrás de uma mesa com suficiente material electrónico para excitar Bill Gates. Daquela central, V supervisionava a segurança e monitorizava os sistemas do recinto da Irmandade, incluindo a mansão principal, o centro de treinos subterrâneo, a Tumba e o Fosso, assim como o sistema de túneis subterrâneos que ligavam os diferentes edifícios. Controlava tudo: as persianas de aço retrácteis instaladas em todas as janelas; as fechaduras nas portas de aço; a temperatura dos quartos; as luzes; as câmaras de segurança; os portões.

Fora V quem construíra o sistema e quem instalara todos os cabos antes de a Irmandade se mudar para aquele sítio, três semanas antes. Os edifícios e os túneis tinham sido construídos no início do século XX, contudo, tinham conhecido muito pouca utilização ao longo das décadas. Porém, depois dos acontecimentos de Julho fora tomada a decisão de se consolidarem as operações da Irmandade e todos tinham ido para ali.

Enquanto V se dirigia para o seu quarto, Rhage tirou um chupa-chupa do bolso, rasgou o invólucro vermelho e pô-lo na boca. Butch conseguia sentir o tipo a olhar para ele. E não ficou surpreendido quando o irmão começou uma discussão.

– Não acredito que te estejas a aperaltar todo para ires ao One Eye, chui. Quer dizer, isso é muito formal, até para ti. A gravata, os botões de punho... é tudo novo, não é?

Butch passou a mão pela *Brioni* e pegou no casaco *Tom Ford* que combinava com as calças pretas. Não queria falar sobre Marissa. Referir o assunto a V já fora suficiente. Aliás, que mais tinha para dizer?

Ela deixou-me de quatro quando a conheci, mas tem-me evitado nas últimas três semanas. Por isso, em vez de perceber a mensagem, vou lá implorar-lhe como um falhado desesperado. Pois, não queria revelar os seus sentimentos ao Senhor Perfeito, mesmo que se tratasse de um bom amigo.

Rhage girou o chupa-chupa na boca.

– Diz-me uma coisa, porque dás importância às roupas, meu? Não fazes nada com o teu encanto. Quer dizer, estou sempre a ver-te recusares fêmeas lá no bar. Estás a guardar-te para o casamento ou algo assim?

– Estou. É isso mesmo. Fiz voto de celibato até chegar ao altar.

– Vá lá, estou muito curioso. Estás a guardar-te para alguém? – Como se fez silêncio, o vampiro riu suavemente. – Eu conheço-a?

Butch estreitou os olhos, pensando que talvez a conversa acabasse se ele não respondesse. Ou talvez não. Quando Rhage começava, nunca terminava até achar que já tinha dito tudo. Falava da mesma forma que matava.

Rhage abanou a cabeça, desgostoso.

– Ela não te quer?

– Hoje à noite saberemos.

Butch verificou o dinheiro que tinha. Dezasseis anos como detetive de homicídios não lhe haviam enchido propriamente os bolsos. Agora que estava com a Irmandade tinha tantas verdinhas que não conseguia gastá-las.

– Tens sorte, chui.

Butch olhou para o lado.

– Quando percebeste?

– Sempre quis saber como seria organizar a vida com uma fêmea que valesse a pena.

Butch riu-se. O tipo era um deus do sexo, uma lenda erótica da sua raça. V contara que as histórias sobre Rhage eram passadas de pai para filho quando chegava a altura. A ideia de que ele pudesse estar a considerar algo como o casamento era absurda.

– Muito bem, Hollywood, qual é a piada? Vá lá, diz-me.

Rhage encolheu os ombros e olhou para o lado. Caramba, o tipo estivera a falar a sério.

– Ouve, não quis...

– Não, tudo bem.

O sorriso reapareceu, mas os olhos não tinham expressão. Ele deambulou até ao cesto dos papéis e deitou o pauzinho do chupa-chupa no lixo.

– Agora podemos ir? Estou farto de esperar por vocês.

Mary Luce estacionou na garagem, desligou o *Civic* e olhou para as pás da neve penduradas à sua frente. Estava cansada, apesar de o dia não ter sido muito extenuante. Atender o telefone e arquivar documentos num escritó-

rio de advogados não era cansativo, nem física nem psiquicamente. Logo, não devia estar exausta.

No entanto, talvez o problema fosse esse. Não se sentia motivada, por isso, estava com falta de energia.

Seria altura de voltar para os seus meninos? Afinal, era para isso que fora treinada. Era o que amava. O que a preenchia. Trabalhar com os seus pacientes autistas e ajudá-los a encontrar formas de comunicarem trouxera-lhe todo o tipo de recompensas, tanto pessoais como profissionais. E os dois anos sabáticos não tinham sido uma opção sua. Talvez devesse telefonar para o centro e ver se eles tinham uma vaga. Mesmo que não tivessem, ela podia fazer voluntariado até surgir qualquer coisa. Sim, no dia seguinte faria isso. Não havia razão para esperar.

Mary pegou na mala e saiu do carro. Assim que a porta da garagem fechou, deu a volta à casa e recolheu o correio. Folheando as contas, parou para sentir a noite fria de Outubro com o nariz. As narinas humedeceram. Há cerca de um mês, o Outono levava consigo os últimos vestígios de Verão e a mudança de estação chegara com uma frente fria proveniente do Canadá. Mary adorava o Outono. E o Norte do estado de Nova Iorque fazia-lhe justiça. Caldwell, Nova Iorque, a cidade onde nascera, e onde provavelmente morreria, ficava a mais de uma hora de Manhattan, pelo que era considerada já a norte do estado. Dividida ao meio pelo rio Hudson, o Caldie, como era conhecido pelos nativos, era uma cidade média americana. Com zonas ricas, pobres, sujas, normais, Wal-Mart, Targets e McDonalds, três hospitais, duas universidades e uma estátua de bronze de George Washington no parque.

Mary inclinou a cabeça para trás e olhou para as estrelas, pensando que nunca lhe ocorreria partir. Se era por lealdade ou por falta de imaginação, já não sabia dizer. Talvez fosse por causa da sua casa, pensou enquanto se dirigia para a porta principal. O que fora um antigo celeiro estava situado na extremidade de uma antiga propriedade rural e ela fizera a proposta para o comprar quinze minutos depois de lá ter ido com um agente imobiliário. Lá dentro, os espaços eram aconchegantes e pequenos. Era... lindo.

Essa fora a razão pela qual a adquirira há quatro anos, logo após a morte da mãe. Nessa altura precisara de algo bonito e de uma completa mudança de cenário. O seu celeiro era tudo o que a casa onde passara a

infância não tinha sido. Ali, as tábuas de pinho eram da cor do mel, lisas e sem manchas. A sua mobília era *Crate and Barrel*, toda nova, nada usado nem velho. Os tapetes eram de sisal, pequenos e orlados a camurça. E tudo, desde os lençóis, cortinas, paredes e tectos eram brancos. A sua aversão à escuridão fora a sua decoradora de interiores. E, se todas as coisas forem uma variação de bege, combinam, não é?

Mary pôs as chaves e a mala na cozinha e pegou no telefone. A gravação informou-a de que tinha... *duas... mensagens novas.*

– Olá, Mary, é o Bill. Ouve, vou aceitar a tua oferta. Se me puderes substituir na Linha de Apoio hoje à noite, mais ou menos por uma hora, seria uma grande ajuda. Se não me disseres nada, assumirei que ainda estás livre. Mais uma vez, obrigado.

Ela apagou-a com um *beep*.

– Mary, fala do consultório da doutora Della Croce. Gostaríamos que passasse por cá por causa do resultado do seu exame trimestral. Quando receber esta mensagem pode-nos telefonar para marcar uma consulta? Temos de interná-la. Obrigada, Mary.

Mary pousou o auscultador. Os seus joelhos começaram a tremer, seguindo-se os músculos e as coxas. Quando o seu estômago foi atingido, considerou correr para a casa de banho.

Resultado. Temos de interná-la.

«Voltou», pensou ela. «A leucemia voltou.»

Capítulo 2



— **M**as que raio lhe vamos dizer? Estará aqui dentro de vinte minutos! O Sr. O respondeu ao dramatismo do colega com um olhar aborrecido e pensou que, se o idiota do minguante continuasse a saltitar daquela forma, poderia decerto candidatar-se ao lugar de boneco saltitante.

Bolas, o Sr. E era teimoso. A razão pela qual o responsável o trouxera para a Sociedade dos Minguantes continuava a ser um mistério. O homem não tinha motivação. Não tinha poder de concentração. E não tinha estômago para o novo rumo que a guerra contra os vampiros tomara.

— Que vamos...

— *Nós* não lhe vamos dizer nada — disse O olhando em redor da cave.

Facas, navalhas e martelos encontravam-se amontoados no aparador baratucho do canto. Havia poças de sangue por todo o lado, menos debaixo da mesa, onde devia haver. E misturado com o vermelho do sangue havia outro algo negro e brilhante, graças às feridas abertas de E.

— Mas o vampiro escapou antes de nos dar qualquer informação!

— Obrigado pela novidade.

Os dois mal tinham começado a trabalhar no macho quando O saiu num pedido de ajuda. Quando regressou, E perdera o controlo sobre o vampiro, que o golpeará várias vezes, e encontrava-se a um canto, a esvaír-se em sangue. O idiota do chefe ia ficar muito zangado e, embora O o desprezasse, ele e o Sr. X tinham um pensamento em comum: o descuido era para os falhados. O olhou para E, que cambaleava de um lado para o outro, e encontrou nos seus movimentos desajeitados a solução para um problema ime-

diato e para um problema de longa duração. Quando O sorriu, E, o tolo, pareceu aliviado.

– Não te preocupes com nada – murmurou O. – Dir-lhe-ei que pusemos o corpo lá fora e que o deixámos ao sol na floresta. Não há problema.

– Vais falar com ele?

– Claro, pá. É melhor ires embora. Ele vai ficar muito chateado.

Ele assentiu e correu em direcção à porta.

– Até logo.

Pois, até logo para ti também, filho da puta, pensou O enquanto começava a limpar a cave. A pequena casa repugnante onde se encontravam a trabalhar passava completamente despercebida na rua, metida entre uma fachada desgastada, que em tempos fora um restaurante de churrascos, e uma pensão arruinada. Aquela parte da cidade, uma mistura entre residências miseráveis e antros comerciais, era perfeita para eles. Naquela zona, as pessoas não saíam depois de anoitecer; os disparos de pistolas eram tão comuns como os alarmes dos carros e ninguém fazia nada se ouvisse uma pessoa gritar uma ou duas vezes.

Entrar e sair dali também era fácil. Graças aos «pesos pesados» do bairro, todas as luzes da rua estavam destruídas e o brilho ambiente dos edifícios era insignificante. Como vantagem adicional, a casa tinha uma entrada exterior que dava para a cave. Assim, sair e entrar com um cadáver às costas não era problema. Mesmo que alguém visse alguma coisa, não demoraria nada a esquecer a questão. O que também não era nenhuma surpresa para o bairro. O lixo branco encontrava sempre uma forma de acabar na sepultura. A seguir à violência doméstica e à cerveja em excesso, morrer era provavelmente a sua aptidão principal.

O pegou numa faca e limpou o sangue negro de E que estava na lâmina. A cave não era muito grande e tinha um tecto baixo, contudo, havia espaço para a velha mesa, que usavam para trabalhar, e para o aparador velho, onde guardavam os instrumentos. Ainda assim, O achava que aquela não era a divisão certa. Era impossível manter um vampiro ali com segurança, o que significava que tinham perdido uma importante ferramenta de persuasão. O tempo desgastava as faculdades físicas e psíquicas. Quando devidamente usado, o passar dos dias tinha tanto poder como qualquer outra coisa que pudesse partir um osso.

O desejava algo como o bosque, suficientemente grande de forma a poder conservar os prisioneiros por um longo período de tempo. Como os vampiros se transformavam em fumo com o amanhecer, tinha de os proteger do Sol. Contudo, se os mantivesse trancados num quarto, corria o risco de eles se desmaterializarem diante de si. Precisaria de uma jaula de aço.

Lá em cima, a porta das traseiras fechou-se e passos começaram a descer as escadas.

O Sr. X parou sob uma lâmpada nua. O minguante-mor media aproximadamente um metro e noventa e cinco de altura e a sua constituição parecia a de um jogador de futebol americano. Tal como todos os matadores que faziam parte da Sociedade durante um grande período de tempo, X era muito pálido. O seu cabelo e pele eram da cor da farinha e as íris eram tão transparentes e incolores como o vidro de uma janela. Tal como O, usava a roupa-padrão dos minguantes: calças pretas largas e uma camisa de gola alta também preta com armas escondidas debaixo de um casaco de cabedal.

– Diga-me senhor O, como está a correr o trabalho?

Como se o caos que ia na cave não fosse explicação suficiente.

– Eu sou o responsável por esta casa? – perguntou O.

O Sr. X caminhou lentamente até ao aparador e pegou num cinzel.

– Pode dizer-se que sim.

– Então, posso garantir que isto... – moveu a mão apontando para a desordem – não voltará a acontecer?

– E o que foi que aconteceu?

– Os pormenores são aborrecidos. Um civil escapou.

– Sobreviverá?

– Não sei.

– O senhor estava aqui quando tudo aconteceu?

– Não.

– Conte-me tudo – disse o Sr. X com um sorriso e o silêncio prolongou-se. – Sabe, senhor O, a sua lealdade pode metê-lo em sarilhos. Não deseja que eu castigue a pessoa certa?

– Quero ser eu a encarregar-me disso.

– Tenho a certeza que sim. Só que, se não me disser, terei de puni-lo por este fracasso. Será que vale a pena?

– Se eu tiver autorização para fazer o que desejo com o responsável, sim.

O Sr. X riu-se.

– Imagino o que fará.

O esperou, olhando para a cabeça do afiado cinzel na mão do Sr. X enquanto este passeava pela sala.

– Juntei-o com o homem errado, não foi? – murmurou o Sr. X, apanhando um par de algemas do chão. Deixou-as cair sobre o aparador. – Pensei que o senhor E estaria ao seu nível. Não esteve. Fico contente que tenha vindo até mim antes de discipliná-lo. Ambos sabemos que gosta de trabalhar sozinho. E o quanto isso me chateia.

O Sr. X olhou por cima do ombro, observando O com um olhar fixo e sem expressão.

– Perante tudo isto, e principalmente pelo facto de ter vindo ter comigo antes de fazer o que quer que fosse, poderá ficar com o senhor E.

– Quero fazê-lo em público.

– Perante o seu esquadrão?

– E outros.

– Está a tentar provar alguma coisa a alguém?

– Estou a tentar elevar o nível.

O Sr. X sorriu friamente.

– Você é um filho da mãe pequeno e arrogante, não é?

– Sou tão alto como o senhor.

De repente, O não se conseguiu mover. O Sr. X já o atingira antes com aquela merda paralisante, pelo que, desta vez, não foi uma surpresa. No entanto, o homem ainda tinha o cinzel na mão e aproximava-se dele.

O lutou contra a paralisia, mas não se conseguiu libertar. O Sr. X inclinou-se de maneira a que o seu peito tocasse no de O. Este sentiu algo roçar-lhe o rabo.

– Divirta-se, filho – murmurou o homem ao seu ouvido. – Mas lembre-se, tenha você a altura que tiver, nunca chegará aos meus calcanhares. Até logo.

O homem saiu rapidamente da cave. A porta do andar de cima abriu-se e fechou-se. Assim que O se conseguiu mexer, meteu a mão no bolso de trás das calças. O Sr. X pusera lá o cinzel.

* * *

Rhage saiu do *Escalade* e examinou a escuridão em redor do One Eye, esperando que dois ou três minguantes lhes saltassem em cima. Não contava ter sorte. Ele e Vishous tinham andado à caça durante horas, sem sucesso. Nem sequer um avistamento. Era muito estranho. E, para alguém como Rhage, que dependia da luta por motivos pessoais, era também muito frustrante.

Como tudo, a guerra entre a Sociedade dos Minguantes e os vampiros era cíclica e, actualmente, estava num momento calmo. O que fazia sentido. Em Julho, a Irmandade da Adaga Negra atacara o centro de recrutamento local da Sociedade, juntamente com dez dos seus melhores homens. Era claro que os minguantes andavam a fazer um reconhecimento do terreno.

Graças a Deus, havia outras formas de dar a volta à sua frustração. Olhou para o crescente ninho de depravação que era agora o lugar de descanso e lazer da Irmandade. O One Eye encontrava-se numa ponta da cidade, por isso as pessoas que o frequentavam eram *motards* e tipos que trabalhavam na construção civil; tipos duros que cediam rapidamente à brutalidade, ao invés da suave persuasão. O bar era vulgar. Um rés-do-chão construído com um anel de asfalto em redor. Camiões, sedãs americanos e *Harleys* encontravam-se estacionados lá fora. Das janelas diminutas podia ver-se os anúncios das cervejas brilhando em tons de vermelho, azul e amarelo, o logótipo da *Coors*, *Bud Light* e *Michelob*. Aqueles meninos não bebiam *Coronas* nem *Heinekens*.

Assim que fechou a porta do carro, sentiu o corpo zunir, a pele a fazer-lhe comichão e os músculos grossos a contraírem-se. Esticou os braços, tentando aliviar-se. Não ficou surpreendido ao não sentir qualquer melhoria. A maldição pesava-lhe no corpo, levando-o para um território perigoso. Se não encontrasse rapidamente algum tipo de libertação, teria problemas sérios.

Muito obrigado, Virgem Escrivã.

Já era mau o suficiente ter nascido com um grande poder físico, mas receber um presente de força que nunca apreciara ou entendera era ainda pior. Mas depois chateara a mulher mítica que detinha o domínio da sua raça. Ela tivera o maior prazer em colocar outra camada de merda na pilha com que ele já nascera. Se não se libertasse da cólera de maneira regular, tornava-se mortífero.

As lutas e o sexo eram as únicas formas de libertação que o aliviavam e usava-as como um diabético usa insulina. Um fluxo estável das duas ajudava-o a manter-se na linha, apesar de nem sempre resolver o problema. E, quando isso acontecia, as coisas ficavam mal para toda a gente, incluído ele próprio.

Deus, estava cansado de se encontrar dentro do seu corpo, de gerir as suas exigências, tentando não cair numa inconsciência brutal. Claro, a sua carinha laroca e a sua força estavam muito bem. Porém, trocaria tudo de bom grado por um corpo fraco, ossudo e feio caso conseguisse obter alguma paz. Bolas, nem se conseguia lembrar do que era a serenidade. Nem se conseguia lembrar de quem era.

A sua desintegração começara rapidamente. Passados dois anos após a maldição, a sua esperança de conseguir obter algum alívio ou de não magoar os outros acabara. Fora então que começara a morrer por dentro. Agora, cerca de cem anos depois, passava a maior parte do tempo dormente, parecendo o vidro brilhante de uma janela ou um amuleto vazio.

A todos os níveis, deixara de tentar fingir que era tudo menos uma ameaça. A verdade é que ninguém estava a salvo quando ele se encontrava por perto. E era isso que realmente lhe custava, mais até do que as coisas físicas que sentia quando a maldição se manifestava. Vivia com medo de ferir algum dos seus irmãos. E, desde há cerca de um mês, Butch.

Rhage contornou o *SUV*² e olhou para o humano através do pára-brisas. Céus, quem teria pensado que alguma vez seria amigo de um *Homo sapiens*?

– Vemo-nos mais tarde, chui?

Butch encolheu os ombros.

– Não sei.

– Boa sorte, meu.

– Será o que tem de ser.

Rhage praguejou baixinho quando o *Escalade* arrancou e ele e Vishous atravessaram o parque de estacionamento.

² Utilitário desportivo. Um SUV (*Sport Utility Vehicle*) é um veículo feito a partir de chassis de camionetas, muito popular nos EUA. (*N. da T.*)

- Quem é ela, V? Uma de nós?
- Marissa.
- A *Marissa*? A antiga *shellan* do *Wrath*? - Rhage abanou a cabeça.
- Vá lá, meu, preciso de pormenores. V, tens de me contar.
- Não o provooco com isto. E tu também não devias provocar.
- Não tens curiosidade?
- V não respondeu enquanto se dirigiam para a entrada do bar.
- Ah, é verdade. Já sabes, não é? - comentou Rhage. - Já sabes o que vai acontecer.

V limitou-se a encolher os ombros quando alcançou a porta. Rhage colocou a mão sobre a madeira, impedindo-o.

- Ouve, V, costumavas sonhar comigo? Já viste o meu futuro?

Vishous virou a cabeça. Na brilhante luz de néon de um anúncio da *Coors*, o seu olho esquerdo, à volta do qual tinha algumas tatuagens, ficou negro. A pupila dilatou até não se ver a íris nem a esclera, até não existir nada a não ser um buraco. Era como olhar para o infinito. Ou para o Vápido quando se morria.

- Queres realmente saber? - perguntou o irmão.

Rhage retirou a mão.

- Só me preocupa uma coisa. Viverei o suficiente para escapar à minha maldição? Sabes, ter um pouco de calma?

A porta abriu-se de repente, mostrando um homem bêbado que cambaleava como um camião com a direcção partida. O tipo dirigiu-se para os arbustos, vomitou e caiu sobre o asfalto de barriga para baixo.

«A morte é uma forma segura de encontrar a paz», pensou Rhage. E toda a gente morria. Até os vampiros. Um dia. Não voltou a olhar para os olhos do irmão.

- Esquece, V. Não quero saber.

Ele já fora amaldiçoado, tendo pela frente mais noventa e um anos antes da sua libertação. Noventa e um anos, oito meses e quatro dias até o castigo acabar e o monstro dentro de si não formar mais parte dele. Porque haveria de querer saber que não viveria tempo suficiente para se libertar da maldita coisa?

- Rhage.

- Diz?

– Digo-te apenas isto. O teu destino está a chegar. E ela chegará depressa.

Rhage riu-se.

– Ai, sim? Como é a fêmea? Prefiro-as...

– É uma virgem.

Rhage sentiu um calafrio descer-lhe pela coluna e atingindo-lhe o rabo.

– Estás a brincar, não estás?

– Olha para o meu olho. Achas que estou a brincar?

V fez uma pausa por uns instantes, abrindo depois a porta que libertou o cheiro a cerveja e a corpos humanos e a batida de uma antiga canção dos Guns N'Roses. Assim que entraram, Rhage resmungou:

– És mesmo estranho, meu. A sério que és.

